ANO 1.º — LISBOA—SABADO, 10 DE DEZEMBRO DE 1921 — N.º 21

Diario de Lisboa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

NÓS sempre testemunhámos a todos os nossos colegas da imprensa muita consideração, embora não tenhamos um gosto decidido para responder a certas referencias e alusões que nos fazem, por muito notavel que seja o espirito ou a *arte* que as inspire.

Hoje, porém, não podemos deixar de dizer á *Manhã* que as nossas *afinidades com o sr. ministro dos Estrangeiros*, posto que não sejam uma *surprese para ninguem*, são-no para nós, sobretudo se dermos ao termo *afinidades* o sentido de entendimento concertado para se defender uma determinada orientação politica.

Tudo o que já escrevemos ácerca do sr. dr. Veiga Simões, obedece somente a um proposito de justiça e nada mais. Mas caso nos convencessemos um dia, de que estavamos em erro, facil nos seria arrepiar caminho, penitenciando-nos. Não queremos compromissos que molestem a sinceridade das nossas apreciações. Demais sabemos nós o que vale a sujeição a um homem, ou a um partido, para que recebamos ordens de alguem!

O *eco* que publicámos ontem ácerca do sr. Velhinho Correia foi-nos sugerido unicamente pelo alto interesse que votamos ao principio da autoridade e ao respeito do nome português. O sr. ministro dos estrangeiros nada tem com isso.

Não atacamos governos por sistema: louvamos quando achamos materia para louvores, censuramos quando a censura é merecida. Os ambiciosos e os intriguistas que tomem á sua conta fazer o que nós não podemos. Ha tarefas que excedem as nossas forças.

Estaremos prontos a defender o bem do Estado, mas nunca a concorrer para o seu desprestigio, ainda sob o aspecto duma excessiva dedicação.

Aproveitamos tambem a ocasião para socegar alguns jornais que se veem referindo ao director dum jornal da noite que aceitou do sr. dr. Veiga Simões um raro posto na diplomacia—adido extraordinario de legação. Já enviámos uma carta ao sr. ministro dos Estrangeiros, agradecendo-lhe a gentileza de se haver lembrado de nós, mas declinando tal nomeação. Esta recusa não significa qualquer intenção de hostilidade, porque estamos mais que nunca convencidos da importancia da sua acção, no ministerio dos Estrangeiros.

Simplesmente lastimamos que escasseie de tal maneira a liberdade de critica que não se possa dizer a verdade, sem que haja alguem que se apresse a envenenar as intenções dos outros.

* * *

A JUNTA de Provisão Publica, apesar de muito combatida, vai entrar em funções. O Estado terá de lhe abrir os creditos bastantes para adquirir viveres que fornecerá aos armazens reguladores. Isto deve levar algum tempo, mas tudo leva a crêr que a Junta de Provisão acabe por ser devorada por outro organismo, nascido das mesmas dores.

* * *

UM funcionario disse hoje, em voz alta, a um ministro que no dia em que o bacalhau seja a 20$00 o quilo, ele saberá achar meio de o pagar a 2$00, descobrindo quem lhe abone os 18$00 que lhe faltam. Não se lembrou que, em tal caso, já o bacalhau se não pagará com o dinheiro dos ricos, mas com a miseria de todos os pobres que ainda hão-de ser mais do que hoje.

IDEIAS FUNESTAS

Ha portugueses que, apesar de tantas demonstrações em contrario, continuam a imaginar que só uma revolução profunda, radical e sanguinaria porá nos eixos a desmantelada e desorganizada vida nacional.

Não conhecemos indice mais seguro da loucura rematada que fez do Portugal pacifico, feliz e receoso de outras eras um vendaval de paixões e desesperos.

Uns com o terror das responsabilidades, outros com a ausencia de senso dos levianos, os messianistas e os fatalistas, os que têm que perder e os que nada podem ganhar, todos se poem de acordo para admitirem que só a ferro e fogo nós reconquistaremos o sossego e a saude que nos faltam.

Nunca se viu tamanha cegueira. Só um invencivel desejo de perdição ousaria aconselhar um remedio falaz, que não passa dum autentico *Dies irae*.

De que carecemos nós?

De trabalhar, de produzir, de fomentar a nossa riquesa, de derrubar e aniquilar as muitas mentiras que nos envenenaram, de acreditar na nossa missão historica, de educar as multidões, de preparar *elites* de pensadores e de operarios.

Poderá a revolução, cuja resultante natural ha de ser uma espantosa catastrofe, ser invocada como uma esperança?

Não, não e não. Entre cada um no cumprimento do dever e eliminem-se como inuteis os que não tiverem uma tarefa honesta a desempenhar. Em Portugal, cabem todos os portugueses dignos deste nome. Não é, porém, país que convenha aos perturbadores sistemáticos da publica tranquilidade.

Dêem outro rumo aos seus passos: o seu apostolado demanda campo mais vasto.

Quando algum dos agitadores que se votam á propaganda truculenta das revoluções bater á porta de qualquer timido cidadão, a fim de o seduzir com o seu lençol de miragens e papoulas sanguineas, fará bem se cautelosamente lhe perguntar:

—«Onde mora? Qual é a sua verdadeira profissão? De que vive? Quem responde pelo desinteresse dos seus actos? Como garante que o não move uma questão de viveres?»

Lembremo-nos que ainda não ha muito que um homem de longos bigodes hirsutos espalhava que era necessario abater um ou dois governos, para que ele pudesse encontrar uma casa onde se instalar com a sua familia, chegada ha pouco da provincia.

No seu entender, a revolução é uma faca de cosinha que se pode empregar para romper dificuldades que interessam o lar de cada um.

DELICADEZA DE SENTIMENTOS...

—O meu marido em estado gravissimo? Mas este telegrama foi transmitido ha oito dias?

—Por isso mesmo, minha senhora. Como se tratava de uma má noticia, não a quizeram dar depressa...

PORTUGAL esteve em riscos de não poder apresentar a sua defesa no caso das reparações de guerra ao sr. Gustave Ador, presidente do tribunal arbitral de Berne, porque a comissão delegada que estava em Paris demorou o envio dos processos, apezar de estes terem sido repetidas vezes requisitados instantemente pelos três ultimos ministros dos estrangeiros.

Sabemos não ser verdade que em cada vapor dos Transportes Maritimos fossem remetidos quatrocentos processos. No ministerio dos estrangeiros apenas se recebeu uma pequena quantidade deles. Tambem podemos afirmar que foi um simples amanuense e não um alto funcionario como já se insinuou, quem foi a Paris com o encargo de trazer tão importantes documentos. Ao sr. Velhinho Correia tinha sido pedido que os trouxesse consigo, no caso de se não demorar na capital franceza.

* * *

JUNTAMENTE com o sr. Velhinho Correia deve ser processada a empresa jornalistica que deu publicidade ao relatorio. O sr. Jaime de Sousa vai ser chamado a Lisboa, que, como delegado do governo, tinha em seu poder documentos confidenciais, que o seu adjunto—o sr. Velhinho Correia—tornou publicos.

E' possivel que o sr. Jaime de Sousa não volte ao seu logar, porque o governo o reputa desnecessario.

* * *

CONSTA-NOS que o sr. ministro dos estrangeiros se recusou a proteger qualquer agencia de informações em especial, porque é seu proposito tratá-las a todas no mesmo pé de igualdade.

* * *

O SR. ministro das Finanças não pensa em deixar a sua pasta, pela simples razão de não haver motivo para isso. Trabalha com afinco, contando, dentro de pouco, provocar um sensivel barateamento, no preço dos viveres. Se conseguir isto, será o ministro de todos os consumidores.

* * *

E' MUITO provavel que a legação de Madrid venha a ser ocupada por um antigo ministro dos estrangeiros.

* * *

O ALTO comissario de Angola requisitou o sr. Futscher Pereira, para ir exercer ali o cargo de administrador de circunscrição.

* * *

OS lugares de adidos extraordinarios de legação são gratuitos. Dizemo-lo porque certamente o ignoram os que tanto se teem preocupado com as nomeações feitas e até com aquelas que nunca se hão de fazer...

* * *

O SR. ministro das Colonias, tendo ouvido o Conselho de Promoções do seu ministerio, vai submeter á assinatura presidencial um decreto mandando reintegrar como condutor de obras publicas das colonias o sr. Raimundo Rodrigues.

* * *

A COMISSÃO organizadora do banquete de homenagem ao coronel sr. Sá Cardoso recebeu ontem a inscrição dos srs. Manuel Barreto, Elias Garcia, Lima Alves, João Augusto Madeira, Lucio Escorcio, José Garcia e Rodolfo Xavier da Silva.

Magazine

Pelos cegos

A doutora Lepinska, de nacionalidade polaca, celebre pelas investigações scientificas a que se tem entregue, é cega. Vai partir dentro em pouco para a Inglaterra e para os Estados-Unidos, a fim de estudar em si propria os meios mais adequados para curar os cegos ou tornar insensivel a sua molestia, pelo desenvolvimento de outros sentidos.

Foi esta mesma senhora quem estudou em si propria os efeitos fisicos e psicologicos dum jejum de quarenta dias.

Sôbre a experiencia a que vai agora entregar-se fez declarações interessantes.

Considera muito mais importante o desenvolvimento das qualidades psiquicas do que a cura fisica; sem aquele, esta não é possivel. O ideal é que uma acompanhe a outra. Qualquer que seja a doença de que sofre o organismo é impossivel curá-lo sem curar primeiro a alma. Devemos actuar primeiro sôbre os sentimentos porque o imperio do espirito sôbre a materia é praticamente ilimitado.

O doente, no qual se desenvolve uma idéa central de vida, reúne em torno dessa idéa todos os recursos vitais e se não tem uma ferida organica incuravel nem mutilação definitiva, a cura é infalivel.

Quando se trata do orgão dum sentido morto, como no caso de cegueira, todos os outrós sentidos cooperam para suprirem a insuficiencia ou ausencia do orgão atingido. E' uma questão de caracter e de vontade, de auto-sugestão.

Os sentimentos, os estados de alma, têem na vida um papel mais importante ainda do que a alimentação; regem-na.

Os parlamentos desordeiros

A salvadora instituição do parlamento, a representação da soberania do povo, ou está muito necessitada de remedios ou para morrer.

Quando os nossos homens publicos, no ardor do seu entusiasmo pela defesa das prorrogativas populares, resolviam as questões a sôco nos Passos Perdidos, ou ameaçavam fazer ruir a casa aos murros nas carteiras, os homens sensatos e graves, lamentavam a inepcia e incompetencia dos representantes das nações.

Averigua-se, porém, que os acontecimentos não dão razão ás pessoas sisudas. Os nossos parlamentares—tributemos-lhe esta homenagem—indo na frente do progresso, abriram o caminho dos parlamentos de todo o mundo. Quem sabe? Talvez a desordem que reina nestes mmm, não seja um sintoma de doença... ou somos obrigados a reconhecer que a doença é epidemia. Senão recapitulemos, mencionando apenas os factos mais notaveis: No parlamento italiano, o presidente do ministerio esbofeteou um ministro; no parlamento prussiano, os deputados engalfinharam-se depois que um deles, por vingança de palavras que lhe haviam desagradado, atirou com um copo de água á cara do orador; no parlamento francês, em seguida a varias peripecias, os deputados dividiram-se em dois partidos e emquanto um deles desafinava a *Marselhesa* o outro berrava a *Internacional*.

Singulares processos de defender o bem do povo... Em todo o caso inspira-nos certo dó o pobre homem, vitima do copo de água, se lá já vai fazendo tanto frio como cá... e deve fazer mais.

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas

Formosinho

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

SAPATARIA GARRETT

SEMPRE A ÚLTIMA MODA

Tel. C-5181

94, RUA GARRETT, 94

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"

Rua Luz Soriano, 48

CRONICA FINANCEIRA

Os lucros de guerra

A sua tributação será um trabalho tardio e muito complexo

COMO SE TRIBUTARÁ QUALQUER ELEVAÇÃO DE CAPITAL DE SOCIEDADES OU EMPREZAS?

Correu aí insistentemente durante a semana que s. ex.ª o sr. ministro das Finanças ia tributar os lucros da guerra.

O sr. Peres Trancoso fez desmentir essa noticia, e fez muito bem.

Em primeiro logar não é tarefa, para decretar dictatorialmente, não porque aos tributados repugne mais ou menos, ou custe mais a pagar esse imposto, lá porque ele seja aplicado em ditadura. Mas porque não é assunto para ser resolvido por uma vontade e criterio singulares. Não é questão para ser arrumada de animo leve. Tem, requere, exige muita ponderação, muito estudo, e depois de se ouvirem estas e aquelas considerações. Para que sejam ouvidas, há que resolver-se e debater-se em discussão aberta. E assim sendo, o campo parlamentar é o indicado por esse debate.

A questão é muita complexa, muito delicada, e talvez de tardia, senão impossivel aplicação no nosso país.

Para o quê, vejamos.

* * *

Lucros de guerra? Dizia ainda há dias, com um calor romantico, um bravo general que era preciso devassar «essas fortunas» adquiridas por uns, emquanto os outros se batiam.

Antes mesmo de ser tal medida lembrada pelos estados, já os entendidos em materia financeira a haviam alvitrado e levado ao campo das realizações noutros paises.

Simplesmente, êsses países fizeram-o a tempo e horas.

Nós, os Portugueses, ainda estamos a pensar e a labutar o caso, três anos depois do armisticio.

Ora aonde irão hoje os lucros da guerra, se bem correrem!

Muitos são hoje prejuizos, valores negativos. A' hora em que soou o ultimo tiro, ainda se poderia discriminar o que fôssem êsses lucros.

Discriminavam-se e encontravam-se.

Hoje, a uma grande parte dêles, encontra-se-lhes o sitio... na coluna do passivo.

Suponhamos, porém, que nem todos perderam após a guerra o que durante a guerra ganharam. Estará êsse dinheiro nos casos de ser tributado sem que a economia do país acuse um prejuizo muito maior do que o lucro que o Estado pretende auferir tributando êsse capital?

Iamos jurar que não.

* * *

Capital de gente de negocio não está parado, aferrolhado nas burras ou escondido em panelas enterradas nas lages da lareira. O natural é que êsses *lucros da guerra* tenham sido aplicados a emprezas, a industrias, ao proprio comercio. Dessa aplicação, o Estado, o País está auferindo os beneficios indirectos correspondentes.

Será de bom aviso dar balanço á fortuna da Industria e do Comercio, e ir tributar esse capital que a guerra tivesse acrescido, sem reparar que se vai enfraquecer a Industria, o Comercio, a economia da Nação?

Será mesmo possivel destrinçar o que é hoje o lucro da guerra, do lucro do desenvolvimento que a iniciativa e uma boa directriz produziram?

E que fosse, haverá quem pretenda tomar a responsabilidade duma tal perturbação?

Não, não é tarefa nem responsabilidade para um governo assumir. Nem é tão pouco resolução que se tome, sem se ouvir os alvitres do proprio país, num largo e aberto, demorado debate parlamentar, que dê tempo a que os legisladores se orientem.

Mesmo assim nós não nos abalançariamos a afirmar que não se tenha perdido a oportunidade para aplicar semelhante tributação.

Tudo neste mundo tem a sua monsão. A de o Estado português participar dos lucros da guerra é natural que haja passado.

Se assim fôr, não se culpe disso o possivel contribuinte, mas sim:

a)—A instabilidade ministerial;

b—A falta de previsão dos governantes;

c)—A propria força dos acontecimentos que se têm precipitado no seu pais, precipitando-o para esta imprevidencia e para essa inercia financeira, em que se vive desde o armisticio.

* * *

A propria e simples tributação da elevação de capital de quaisquer empresas, não se nos afigura nem mais facil, nem mais viavel, nem menos arriscada para a economia do país.

Se se pensa ou pensou nessa forma de apanhar «lucros de guerra», não se ficou a dever á logica, valha a verdade.

Nem só de lucros de guerra provêm as elevações do capital.

E se se quizer averiguar individualmente o que essa elevação de capital significa, como indice de «lucros de guerra», pode ser-se arrastado ao mais grosseiro erro. Não são apenas os que comerciaram que hoje aparecem na subscrição de elevação de capitais de empresas. A *petite épargne* lá está representada. Colectar colectivamente uma empresa, uma sociedade mesmo, porque ela apresenta uma elevação de capital é ir muito provavelmente afectar pequenas economias que não representam seqner, ás vezes, pequenos *reutiers*.

De resto, esse criterio de avaliar uma empresa pelo seu capital não lembra hoje a ninguem.

Nem capital é uma obrigação.

Quanto maior capital, maior obrigação de o remunerar. Tributar uma empresa pelo facto de ela ter elevado o seu capital é perturbar, dificultar a missão dos administradores, é prejudicar, e gravemente, a economia do país.

Além de erro nas suas consequencias, seria tambem um erro de criterio simplista como ponto de partida. Toda a gente sabe que a prosperidade de empresas se não mede pela cifra dos seus capitais, mas pelo montante das suas reservas.

Ora em três anos não pode haver em Portugal muitas empresas cujas reservas convidem o Estado a tributarem, sob um regime de excepção, como seria o que incidisse sobre lucros de guerra.

Seja como fôr, e seja o que fôr, que esse imposto sobre os chamados «lucros de guerra» possa vir a produzir, há que proceder com muita ponderação não vá o Estado, em vez de arrecadar tributos extraordinarios, cercear a materia colectavel e produtora dos tributos com que conta no seu orçamento ordinario.

STRANGERS' CASINO

MONTE ESTORIL — Avenida Saboya (antiga Vila São José)

Grandes Espectaculos Animatográficos

BAILE TODAS AS NOITES

QUINTETO ÁS 3.as, 5.as E SABADOS

TERCETO ÁS 2.as, 4.as, 6.as E DOMINGOS

DANCING-TEA ás 4.as e domingos

Honram com a sua exibição os bailes : : das terças, quintas e sábados : : os "Primorosos Professores de Dança"

Mrs. and mr. **Morton de Rennes**

Brevemente novos atractivos

Mundanismo

Aniversários

Fazem amanhã anos as senhoras.

D. Tereza Calheiros Iglésias da Silveira Viana, D. Maria Clarisse Gomes Horta e Costa. D. Clementina Elisa Santos Rosa e D. Ana Isabel Zuzarte de Mascarenhas Ataide.

E os srs.:

Condes de Safira e de Farrobo, D. Francisco de Serpa Coutinho (Redondo), José Pinto Menezes e Luís Gil de Gouveia Beltrão.

Recepções

O sr. dr. Rey Ulrich e sua esposa a senhora D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich ofereceram ontem na sua elegante residência um chá a algumas pessoas das suas relações, tendo-se durante a tarde feito música e canto e decorrendo a recepção muito animada.

Nos salões

A senhora D. Beatriz de Castro e Ataide e seu marido o sr. João de Castro e Ataide ofereceram na noite de terça feira, 6, na sua elegante residencia em Abrantes, uma explendida «soirée» e varias pessoas das suas relações mais intimas, a fim de solemnizar o aniversario natalicio de sua filha a senhora D. Maria Amelia de Castro e Ataide Vilela.

Além da animada conversação dançou-se com verdadeira animação, alem das danças modernas, o «Vira» e «Mulheres de Viana» e outras danças populares.

Tambem se procedeu ao ensaio de duas graciosas e finas comedias do antigo reportorio do teatro D. Maria 11 intituladas «Romeu e Julieta» e «Um ano em quinze minutos», que se devem representar na mesma residencia, na proxima semana, na qual tomam parte varias senhoras e rapazes da melhor sociedade desta cidade. Os ensaios são superiormente dirigidos pelo sr. dr. Manuel da Fonseca Ribeiro e Sousa (visconde de Portalegre), que mais uma vez tem ocasião de evidenciar os seus vastos conhecimento do «metier».

Pela meia noite foi servido na elegante sala de jantar um finissimo lanche.

As honras foram feitas pelos ilustre donos da casa, e por sua filha casada a senhora D. Maria Amelia de Castro Ataide Velejo e por gentil filha solteira D. Maria Curtina, que foram inescedivel de amabilidade para com os convidados.

Na assistencia viam-se as senhoras:

Viscondessa de Portalegre, D. Mariana Barreto Paim Cortez Zagalo, D. Isabel Gamboa Iliz, D. Georgina de Avelar Machado Soares Mendes, D. Maria José de Avelar Machado Bravo Borges, D. Conceição de Pina Manique Santa Barbara, D. Maria Teresa Velejo Soares Mendes, D. Sofia Moura Neves e filhas D. Maria Curtina e D. Maria Virginia; D. Maria José Heitor e filhas D. Maria Eduarda a D. Maria José; D. Alice, D. Leonor Maria e D. Judite Nunes Coelho, D. Beatriz Consulado e filha D. Celeste; D. Fernanda Pacheco Moura e Silva, etc.

E os srs.:

Visconde de Portalegre, João José, Raimundo e Eduardo Soares Mendes, D. Luis da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), dr. Guilherme Moura Neves, Manuel Brave Borges, Artur Santa Barbara, Luís Pacheco Mena, João de Castello Branco, José e Antonio Moura Neves, Fernando Pereira Soares Mendes, Manuel Serra de Matos, José dos Santos Heitor, Zeferino Conceição, João Emilio de Avelar Machado Soares Mendes, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Pontos de reunião

Agenda

Os pontos de *rendez-vous* elegantes amanhã de tarde são nos teatros de S. Luís e Politeama e á noite, em Cascais, no Cinema da Práia.

Em viagem

Com sua esposa, regressou a Lisboa, o sr. dr. Martinho Nobre de Melo.

—Chegou do norte, o sr. dr. Fernando Teixeira de Abreu.

—Regressou do norte o sr. Ruy Calheiros.

—Com sua esposa e gentis filhas, regressou de Alemquer, o sr. Ascenso Guimarães.

—Regressou do estrangeiro o sr. visconde de Santarem.

—Regressou do Estoril, com sua familia, o sr. Alvaro Pinheiro Chagas.

—Regressou do estrangeiro o sr. dr. Augusto de Castro.

—Encontra-se em Lisboa o sr. Armando Correia Leite.

—Regressou de Paris, com seu filho, a senhora condessa de S. Mamede.

—Com sua esposa, regressou do estrangeiro o sr. dr. Adolfo de Azevedo Souto.

—Parte brevemente para a Covilhã, onde se demorará uma semana, o sr. capitão do E. M. I., sr. Luis A. de Santana.

—Com suas gentilissimas irmãs D. Leonor Maria e D. Judite, encontra-se na linda quinta de seus pais, na Varzea de Tomar, no Rossio de Abrantes, hospedes da senhora D. Beatriz Caldeira Soares Mendes da Fonseca Ribeiro e Sousa e do sr. dr. Manuel da Fonseca Ribeiro e Sousa (viscondes de Portalegre), a senhora D. Alice Nunes Coelho.

—De Lisboa partiu para Abrantes, com sua esposa a senhora D. Maria José de Avelar Machado Bravo Borges, o sr. Manuel Bravo Borges.

—Em Abrantes esteve durante alguns dias, tendo já regressado a Lisboa, o distinto alferes de artilharia sr. João de Castelo Branco.

—Acompanhada de sua mãe regressou de Abrantes a Lisboa, a senhora D. Maria do Ceu Pacheco Mena.

THEATRO SÃO LUIZ

EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA

Concertos BLANCH

Domingo, 11 — Matinée ás 3 horas da tarde

3.º concerto de assignatura da

ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

Extraordinario Programma

1.ª PARTE

I—**TITUS,** ouverture, (1.ª audição)—MOZART.

II—a) **MANFREDO,** entreacte, (1.ª audição)—REINECK.—b) **O MOINHO, A BELA MOLEIRA,** (1.ª audição)—RAFF.

III—**OS PRELUDIOS,** poema synfonico—LISZT.

2.ª PARTE

IV—**SCHEHERAZADE,** inspirada nas «Mil e uma noites», suite synfonica, (1.ª audição)—RIMSKY-KORSAKOFF.—a) Largo e maestoso-Allegro non troppo.—b) Lento-andantino.—c) Andantino quasi allegretto.—d) Allegro molto.—e) Allegro non troppo e maestoso.—Violino sólo, **Sr. Flaviano Rodrigues.**

3.ª PARTE

V—**PARSIFAL**—WAGNER.—a) Preludio.—b) No jardim encantado de Klingsor e scena das flores animadas.

VI—**DAMNATION DU FAUST—MARCHA HUNGARA**—BERLIOZ.

BILHETES Á VENDA

ARTE E LETRAS

DO LIVRO "A HORDA"

Tragedia de João de Castro

UMA SCENA DO ACTO SEGUNDO

Publicamos a seguir uma interessante scena do segundo acto da tragédia «A Horda», do brilhante escritor João de Castro:

TÉRAN

Quem sabe, Pae?
O sonho domina-me. Ele quere dirigir a vida.
E' o seu destino.
Por isso eu devo dirigir a vida, e lutar para o conseguir.
Ha muitas coisas que eu sei, e mais ninguem!
Só eu sei a razão de certas coisas,
porque fui eu que as sonhei.
Se desistisse, Pae, não era uma traição?

O GRANDE SACERDOTE,

E' só isso, Téran?

TÉRAN

rindo

Tu sabes mais do que as minhas respostas.
Não, Pae, não é só isto. E' tambem,
uma vontade de lutar, egual ao sonho.
E' um amor que existe em mim e aumenta a minha vida.
Vê como eu sou fraco que nem o posso dominar!

O GRANDE SACERDOTE

E o amor pela Horda, Téran?

TÉRAN

Tambem, Pae. Mas acaso
posso eu separá-lo do meu sonho e da minha fôrça?
Tenho um amor que não sabe
pensar no bem ou no mal
que ela sente, ou que lhe posso causar!
Um amor que só pensa em fazê-la realizar o meu sonho!
Já pensaste, ó Pae, se isto era verdadeiramente amor!?

O GRANDE SACERDOTE

religiosamente

O Céu sabe o caminho porque leva
os seus filhos ao grande fim,
e a maneira
como aproveita o teu sacrificio!

TÉRAN

Mas já pensaste no meu amor pela Horda? O' Pae,
eu não o sei distinguir do meu sonho e da minha força
Nunca decerto imaginaste
que eu podesse amar os seus sofrimentos ou as suas alegrias...
Ha um amor pela Horda
que a vê maior que as suas turbas, que os seus homens.
Eu sou estranho, Pae, porque este amor tem muito de raiva!

O GRANDE SACERDOTE

Sim és estranho!... mas grande!
Tu és grande, e levarás a Horda para o ocidente.

TÉRAN

Sim, Pae.

rindo

Mas estou cansado, vês, estou cansado!
Imagino que estou morto

ante um gesto de descrença

Sim, tu não entendes!
Vê tu como os homens são.
Vêem um homem forte
e imaginam-no incapaz de cansaço e de sofrimento!
Desconfia dos fracos que julgues assim, ó Pae.
Cansado, sim. Cansado de ser forte! Cansado de ser chefe!
Cansado, cansado, morto...
sôbre a terra... morto.
Queres ouvir a canção, Pae? Sinto-me assim, sou eu, Pae.
Eu a morrer!...

Acompanhado duma plangência monótona e baixa entôa a canção do Grande Guerreiro, morto, contra a terra, a vibrar em morte exagerada como o sonho como a fôrça. Todo o seu sonho de excesso, toda a sua vida se escôam no canto que vai subindo, dominando, ultimo, irreal.
Ele torna presente a morte, a morte da batalha, a morte esplêndida e gloriosa, a morte vingança da Vida sôbre a Sombra.
E' o divino por fôrça do canto presente aos homens — os chefes — que escutam pálidos e trementes. E' a certeza intima que permite os combates de todos os dias.
O canto é alto e esplêndido; sombrio, depois, de profundidades desconhecidas

Sinto o meu corpo caído,
Deitado num areal,
As pernas já dentro de agua
A cabeça no juncal...
Com sete chagas no peito!
Qual será a mais mortal?..
Por uma entra-me o sol,
E por outra entra o luar.
—Corre o sangue, corre a luz,
Não se podem separar!—
Pela mais pequena delas
Um gavião a voar!
— Vôo de azas, vôo de azas
De aguias negras a passar!..
E córvos... córvos... e córvos..
Dentro em meu peito a voar!.

.....

Mas pela maior de todas
Toda a Noite quere entrar!
—A Sombra que entra em meu corpo
Para consigo o levar...
Cresce a Noite... cresce a Noite...
Meu corpo aberto a alargar!
E' preciso que se alargue
Para a Morte nele entrar!
Ser do tamanho da Morte
Para á Morte o entregar!

.....

Milagre! O meu corpo morto
Ainda a tremer, a falar!
Tem toda a Morte no peito
E a viver, a soluçar!
O meu coração—tão grande—
Não o pode abandonar!
Nem as sete feridas todas
Podem deixá-lo passar...
—Quem te fez assim tão grande,
O' coração, para mal?!...
Tenho toda a Noite em volta
Não o consegue abraçar!
Tenho todo o peito aberto
E ele a sofrer, a lutar!

.....

Só se a Morte, só se a Morte
O quere para em si palpitar!

.....

Ha um silencio de alturas infinitas, um silencio incompreensivel, tragico, para os homens, que apenas lutam e sofrem.
Téran ficou extactico ante o sonho inexpresso na vida, misterioso, inconcebivelmente grande.—E' o primeiro a falar, a aproximar o sonho da vida.

TÉRAN

um misticismo imenso no olhar

Ó Pae,
vês porque eu sou obrigado a lutar?
Um coração grande, grande, grande!
Ó Pae, será isto uma fraqueza
que eu não possa querer a minha vida, que eu não possa descansar?
Mas que importa? Ah! que importa? É o coração que manda!
Como poderia deixar vencer-me
pela vista que se encanta,
as minhas lagrimas que correm quando o coração se aperta e diminue!?
Ah! como?... pelo misero corpo
que não quere mais tortura?...

O GRANDE SACERDOTE

Decerto é a inspiração do Sol, a inspiração divina
que manda em ti.

TÉRAN

A inspiração divina! A inspiração divina!
Oh Pae!
mas porque segue ela apenas o meu sonho,
e me leva para o bem como para o mal?
Mas que eu saiba! ah! que eu saiba o que é justo, o que é bom!
Se devo obedecer a essa força divina;
se as minhas acções de bem ou de mal não são mais do que a areia que o vento soprou!
Ou se elas vivem, vivem,
e escurecem ou iluminam o meu corpo ante o Ceu?
Que eu o saiba, ó meu Pae!
Pois como posso eu decidir? na luta saber o fim?
O que santificarei ó Pae?

UM CHEFE

mais afastado

Ó Rei, os chefes, Gam e os outros, veem aí.

TÉRAN

num sobressalto inconsciente

Vamos saber quando começa a luta.

O GRANDE SACERDOTE

Eis a resposta, Téran, a resposta que tu querias!

TÉRAN

É a resposta da vida, Pae,
não a minha resposta!
Mas saberemos, saberemos.
A luta nos ensina;
ela nos mostra o fundo que em nos manda.

Gam e os outros chefes Mówn, Daharm e Vanhom aproximam-se pela direita, vindo dos limites da floresta a ocidente.

MOWN

Caminhámos para o norte como se fossemos ver os homens que estão de sentinela!
Lá encontrámos Gam; démos depois a volta pela floresta!

GAM

Os homens veem todos ahi, ó Rei!
É o filho de Toho que os reune!
É um fiel, saberá morrer!

TÉRAN

Desanimaste da vida! Tão grande é o perigo, ó chefe?

Percebe-se nos quatro chefes o terror da multidão revoltada, a visão dos grandes passos implacaveis, da raiva contida das feras dominadas, cruel e vingativa, espesinhando, insultando, diminuindo para se sentir elevada e igual.
O numero rouquejante a distancia parece-lhes invencivel, quasi um destino, artificialmente contido (porque herois?! porque chefes?!) mas que tudo subverte e arrasta na sua força! Não é melhor o caminho? mas a força parece-lhes invencivel! E tremem: eles que já souberam escolher um heroi.

NACIONAL Telefone C. 2049
HOJE — O MAIOR DOS EXITOS
A notabilissima peça
CASA CERCADA
Empolgante entrecho — Scenas intensamente dramaticas — Brilhante desempenho — Grande aparato
A TOMADA DE JERUSALEM
pelos ingleses durante a grande guerra
O mais belo dos espectaculos — Conjunto verdadeiramente artistico

POLITEAMA
Telef. C. 1028
EMPRÊSA LUÍS PEREIRA
COMPANHIA LUCÍLIA SIMÕES
Direcção de LUCINDA SIMÕES
Ultimas representações da peça de extraordinario sucesso
Uma mulher sem importancia
Notabilissimo desempenho de Lucilia Simões
Brevemente — Em 4.ª recita de assinatura — 1.ª representação da peça de Tito Arantes
— EMIGRANTES —
A'manhã, 11 — 4.º concerto de assinatura da
Orquestra Sinfonica de Lisboa
sob a regencia do
MAESTRO FERNANDES FÃO

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
1.ª representação da engraçada farça em 3 actos, adaptação de Pedro Bandeira, Carlos Ferreira e Guedes Vaz
O Novo Testamento
NOITE DE GARGALHADA

TEATRO SALÃO FOZ
EMPRÊSA ARTUR EMAUZ
Companhia Otelo de Carvalho
QUEM QUERE
RIR sem descançar vai ás — DUAS SESSÕES — da incomparavel revista
Bichinha Gata...
O «compère» pelo impagavel ANTONIO GOMES, da Trindade — Varios e interessantes papeis de sensação e atualidade por Laura Costa, Otelo de Carvalho, Julia d'Assunção e mais artistas
Um balão em scena — Um carro electrico — A carestia da vida e os Polkistas

TEATRO AVENIDA HOJE VIAGEM Á CHINA

Café — MALTE — "VATEL

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

HOJE HOJE
COZINHA Á PORTUGUESA
Teatro APOLO
GATO POR LEBRE

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O inquilinato da morte

No logar de Alte — segundo lemos nos jornais — não se pode morrer. Não se pode morrer — porque o cemiterio mal chega para as exigencias dos mais necessitados, daqueles que não dispensam, nem á mão de Deus Padre, os sete palmos de terra que hão-de dar guarida final aos seus ossos.

A população de Alte, que não se apercebeu ainda dos claros ensinamentos da lei de Lavoisier, julga-se no direito de conservar pelos seculos dos seculos os ossos que serviram de esqueleto á pobre, á velha, á fatigada carcassa humana. E como o governo não pode ou não sabe tomar providencias para lhe suavisar a vida, limita-se a pedir ao governo providencias para lhe suavisar a morte. E' o que se pode chamar providencias postumas.

— Dêem-nos um cemiterio e nós morreremos descansados.

Não se pode, em boa verdade, exigir menos em vida — exigir apenas a um governo que pense na morte dos seus governados — já que na vida pensar não soube.

Mas vai o governo e responde á longinqua povoação de Alte que não lhe pode dar um cemiterio, porque isso seria abrir o precedente e Portugal inteiro desatava a pedir ao governo cemiterios — cemiterios com todas as comodidades modernas, onde não faltasse agua da companhia, chauffage, luz electrica e outros pequenos detalhes da arte de bem viver, que neste caso seria a arte de bem morrer, ou com mais propriedade — a arte de bem estar morto.

Ai têm os senhores uma nova complicação que vem embrulhar ainda mais o embrulhado problema do inquilinato, criando-lhe um capitulo novo — o inquilinato da morte — que vai criar serios embaraços ao sr. ministro da justiça.

Os mortos, á face da lei, têm o direito adquirido pela contigencia da morte a residir em alguma parte. Esse alguma parte é o cemitério. Se o governo persistir em não dar um cemitério á povoação de Alte, os seus pacificos habitantes só têm um caminho a seguir — declarar a greve de cabeça levantada, isto é — não morrer

Norberto Lopes

No largo do Matadouro

Um soldado da guarda republicana mata um polícia

Á hora do nosso jornal entrar na máquina, tivemos conhecimento de que, no largo do Matadouro, após uma larga discussão, uma praça da G. N. R. matou com três tiros de revolver o polícia n.º 1737, José de Figueiredo, da esquadra da Mouraria, que estava alistado naquela corporação desde 9 de Setembro último. O autor do crime, evadiu-se.

No quartel general da G. N. R., onde fomos pedir informações sôbre a identidade do criminoso, ainda não se sabia do caso.

UM ACTO INTELIGENTE

O ministro da instrução manda coleccionar e estudar o folklore poetico e musical português

Para recolher, coleccionar e estudar artistica, critica e comparativamente a nossa poesia e canções populares, foi nomeada a seguinte comissão:

Augusto Gil, director geral de Belas Artes, presidente; Cardoso Marta, poeta e etnógrafo, secretario; vogais: D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, professora da faculdade de letras da Universidade de Coimbra; José Leite de Vasconcelos, professor da faculdade de letras da Universidade de Lisboa; Antonio Arroio e Joaquim de Vasconcelos, criticos de Arte; Pedro Fernandes Tomás, etnógrafo e publicista; Bernardo Moreira de Sá, Tomás Borba, Francisco de Lacerda e Luis de Freitas Branco, musicólogos.

COISAS DE INSTRUÇÃO

AS ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES E O INSPECTORADO PRIMARIO

DOIS DECRETOS PELA PASTA DA INSTRUÇÃO

O QUE DEVIA SER O ENSINO SECUNDARIO--OS PENSIONISTAS DA ESCOLA DE BELAS ARTES EM PARIS

O "Diario de Lisboa" entrevista o ministro da instrução

Esta entrevista pode começar assim:

As três menos um quarto o sr. dr. Costa Cabral, da Instrução, entrou na sala dos secretarios, com muito frio, mãos aconchegadas nos bolsos do casacão; um pouco hirto, monoculo cravado na orbita direita numa elegancia sobria de rugas. Afastou o reposteiro o sr. Jacobety Rosa, um secretario louro e elegante. Havia pretendentes. Por nossa parte pretendiamos, apenas, uma entrevista. Chamaram pelo *Diario de Lisboa*. O sr. dr, Costa Cabral abre a correspondencia.

—Sr. ministro, assuntos de instrução . . .

—Pregunta vaga . .

—Que V. Ex.ª precisará.

E lendo sempre:

—Compreende que todas as ideias necessitam duma acção de conjunto para se realizarem. Esta instabilidade governativa . . .

—Não deixa ninguem trabalhar . . .

—Tenho dois decretos.

—O primeiro?

—Versa sobre Escolas Primarias Superiores; o segundo, refere-se ao Inspectorado Primario . . .

E desenvolvendo:

—As Escolas Primarias Superiores não podiam continuar a funcionar como estavam. O ministro que as decretou nomeou primeiro o pessoal . . . Havia professores de inglês, de francês e de desenho que deviam ser de português, de ginmástica e de geografia. Tudo ao contrario. . . Reclamaram alguns, mas estou tratando de harmonizar interesses.

—E o que fez V. Ex.ª?

—Completei o decreto.

O sr. ministro mete as mãos nós bolsos do casacão. Depois:

—O Inspectorado Primario era uma coisa que tambem me preocupava. Dantes, o inspector era um soba.

«Os professores tinham que se sujeitar inteiramente. Agora não, fiz o *roulement*. Não encontrei outra palavra; empreguei-a mesmo no decreto. Vai o inspector examina os alunos, observa os metodos pedagogicos do professor e num livro escreve as suas observações e uma nota de classificação...

—Para quem?

—Para o professor. Passado um mês o professor volta a ser examinado, mas por outro inspector. Assim não pode haver nem favoritismos, nem exageros.

—O inspector tinha tambem outras atribuições...

—Burocraticas, não? Acabaram. O inspector preocupa-se unicamente com a parte pedagogica do ensino. Requerimentos, transferencias, etc., etc., pertencem a outros funcionarios...

—Mais.

—Criei ainda as zonas de inspecção...

O sr. dr. Costa Cabral, sem alterar a posição do seu monoculo e com uma voz clara:

—Tinha outras ideias, tinha. Mas precisava de tempo para as realizar. Eu podia atirar cá para fora um decreto... Era de rruiro que estava, porque não podia continuar a minha obra...

—No emtanto a ideia pode ficar.

—Pode! Olhe o ensino secundario. Tem uma boa encadernação. E' mesmo modelar no que respeita a osua rganização... A parte interna, a parte politica, é má...

—Politica.

—Sim, social. O ensino como está tira a iniciativa ao aluno. Não ha tempo para se estudar sete disciplinas. Diminuia o seu numero...

—E aumentava os anos?

—Não! Para que são precisos sete anos de geografia? Dantes o aluno fazia dois ou três exames por ano. Trabalhava intensivamente. Agora não. O ensino secundario é muito dificil de reformar. Em Inglaterra existe já ha vinte anos uma comissão que ainda não realizou um trabalho definitivo... Em França...

Saltando:

—Tambem me preocupo com a Escola de Belas Artes O que lhe falta é dinheiro...

—E edificio...

—Tambem. Já ontem mandei chamar o chefe da contabilidade. Vou enviar um aluno de cada especialidade ao estrangeiro, por ano. Só de longe em longe, ia um de escultura ou pintura. Depois, em Paris, esqueciam-se da sua arte...

Muito inteligentemente o sr. ministro acrescentou:

—Aquela boemia do Bairro Latino ainda lhes dá visão artistica. Porêm, a maior parte deles mete-se em casa... A despesa que o ministerio da Instrução fez agora, será largamente recompensada com a venda dos trabalhos dos pensionistas...

Vivamente:

—E o ensino superior!? Ha uma nuvem de assistentes. Dispensando-os far-se-ia uma notavel economia.

E o sr. ministro da Instrução, que se confessa assinante do *Diario de Lisboa*, tem um sorriso final de despedida, um tudo nada irónico, quando se refere á entrevista.

Nobre Martins

Faz hoje anos o nosso presado colega na imprensa e secretario da gerencia do teatro Nacional, sr. Nobre Martins.

Vão comprar um bilhete ou fracção para os 600 contos do Natal

ao Pina

A CASA MAIS FELIZ DE LISBOA

Pedidos a Costa Limitada

75, RUA DE S. PAULO, 77

TEL. 3.486-C. LISBOA

DE VIAGEM PARA ITALIA

Uma ligeira palestra com uma artista marroquina

Nina Walkey fala, ao "Diario de Lisboa", de Portugal, e conta-lhe algumas das recordações da sua vida artistica

Nina Walkey é uma actriz marroquina que chegou ha dias a Lisboa, a bordo do *Finlandia*. Fala espanhol; é loura e adora Portugal.

Estamos num quarto do Avenida Palace. Nina Walkey tem muito frio, aconchega mais aos ombros o seu raposo branco, que ela acaricia com uma graça felina.

—Já veio a Portugal, Nina?

—Ja. A primeira vez que desembarquei em Lisboa foi num dia tragico... Tiros, bombas, sangue, muito sangue...

—Era uma revoluçãosinha. No seu país tambem as ha.

—Foi no dia 14 de Maio.

—Ficou com má impressão de Portugal?

A sua voz, um pouco friorenta, neve que degela, diz:

—Mas não, não.

—E porque voltou?

—Estou de passagem. Sigo para Italia, onde vou representar num teatro... No *Magestad*, conhece?

Nina Walkey fuma.

Aceito um cigarro e acendo-o vagarosamente.

—Nina que riu a medo, com êsses olhos azuis que estão aí a sorrir, podia-nos contar uma aventura?

—Aventuras!

E o seu olhar prende-se, desvia-se de nós.

—Vá, responda.

—Olhe, quando entrei no teatro senti que qualquer coisa de imperativo me chamava, me arrebatava.

Minha mãe morrera; meu pai andava embarcado...

—E encontrou-se sósinha, com muitas ilusões...

—Sim... é isso. Aos dezasseis anos estreava-me no *Teatro Real*, em Madrid. Depois segui... Lembro-me ainda dos primeiros versos que disse...

E a sua voz melodiosa, mais triste que a chuva que cai lá fora balbucia:

Yo en éden de amores quimericos vivia.

—Tem frio Nina? A sua alma...

E ela fugindo á insinuação com um sorriso pequenino:

—Mas não, não.

—Tão bonita!

—*Dios!* Coma este bonbon.

—Nunca lhe deveria dizer...

—O quê? Mas a Nina conversa apenas. A sua vida!... Falou-nos de Portugal...

—Que tanto amo. O sol...

O porto do Funchal

Exoneração do capitão e do patrão-mór

Foi comunicado para o Funchal, que foram exonerados respectivamente de capitão daquele porto e de patrão-mór da mesma capitania, o capitão de fragata Vital Gomes e 2.º tenente Carlos Figueira.

A carestia da vida

Os funcionarios dos ministerios vão pedir donativos para lhe fazer face

No gabinete da imprensa, no ministerio do Interior, foi entregue a seguinte informação:

«Consta que um grupo de funcionarios dos ministerios vai solicitar autorização superior para que nas diversas repartições sejam fixadas caixas para a recolha de donativos destinados a facilitar os meios com que possam fazer face á monstruosa carestia da vida.»

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

AMISADE LUSO-ESPANHOLA

Uma entrevista com o sr. Presidente da Republica

O chefe do Estado não faz declarações, mas fala do seu carinho pela Espanha e do futuro dos dois povos irmãos

Gil Fillol, jornalista de *El Imparcial*, que está em Lisboa, a fim de colher algumas notas sobre a vida portuguesa, entrevistou o sr. presidente da Republica para o seu jornal. O sr. dr. Antonio José de Almeida esquivou-se a fazer declarações politicas. Limitou-se apenas a fazer declarações pessoais. O antigo director da *Republica* deixou entrever a possibilidade—de voltar ao jornalismo. Mais do que a possibilidade—o desejo.

—E' tão dificil deixar de ser jornalista!... —declarou o sr. presidente da Republica ao redactor de *El Imparcial*. E fez depois o elogio da imprensa, falou do seu carinho pela Espanha, da fé inabalavel que tem no ressurgimento dos dois povos irmãos—das duas grandes nações de descobridores do mundo, cuja tradição historica, para não se desmentir, lhes exige que se descubram a si proprias.

«Recentemente — acrescentou—por motivo das manifestações com que me honrou o povo português para me fazer desistir dos meus propositos de renuncia, recebi de Espanha uma infinidade de testemunhos de expressiva simpatia, entre os quais, um muito sentido, que, como todos os outros, agradeço infinitamente, de uma das mais firmes glorias da intelectualidade espanhola, do sabio doutor Carracido, a quem tive o gosto de conhecer naquele interessantissimo Congresso de Sciencias que se realizou no Porto...»

Sobre a importancia deste acto, a conversa derivou para o que pode e deve fazer-se, a fim de que os dois países se conheçam profundamente. Ha que intensificar toda a sorte de relações, facilitando a comunicação espiritual entre homens de uma mentalidade analoga.

—Acredite—disse o sr. presidente da Republica—que o Congresso do Porto foi um passo decisivo. A literatura espanhola, as scienceias espanholas, a arte espanhola têm em Portugal admiradores entusiastas. Pode vêr nessa biblioteca muitas obras de autores espanhois...

E citou Galdós, Valera, Palacio Valdés, Blasco Ibañez...

Por sua vez, o jornalista falou da geração espanhola educada nos livros de Eça de Queiroz, de Ramalho Ortigão, de Guerra Junqueiro..., da viva curiosidade que despertam os pintores e escultores portugueses no mundo artistico espanhol, do espaço que começa a conceder a estes problemas a imprensa dos dois países.

—E' certo, é certo—acrescenta o senhor presidente.—Está-se iniciando um trabalho altamente proveitoso, que ambos os povos merecem, porque em ambos desperta agora uma actividade intelectual que parece o ressurgir dos tempos passados. Como deve ter observado, Portugal conta hoje com uma pleiade de grandes artistas, que tem na sua frente um futuro magnifico.

Depois duma breve pausa, o jornalista formula uma pregunta—uma pregunta de actualidade.

O sr. presidente da Republica:

—Declarações, não. Prometi a mim mesmo não fazer declarações. Todos os jornalistas franceses e ingleses tentaram levar para o seu país impressões minhas. A todos me neguei, lamentando muito. Só posso repetir o que já disse: tenho uma grande fé, uma fé absoluta na vitalidade deste povo admiravel, tão cheio de virtudes, tão amante da Republica.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está ámanhã aberto ao publico e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

NA QUINTA DAS PALMEIRAS

O MINISTERIO DOS ESTRANGEIROS E O CASO VELHINHO CORREIA

TRATADO DE COMERCIO COM A FRANÇA

OS FUNCIONARIOS NOMEADOS AGORA NÃO VENCEM, E TERÃO DE SE SUJEITAR A CONCURSO A SEU TEMPO

O "Diario de Lisboa" ouve o sr. ministro dos estrangeiros

Bemfica. Estrada do Poço do Chão. Um portão de vivenda fidalga, no campo. Quinta das Palmeiras. Em baixo, antes de começar a avenida das Phenix australianas, um policia e um correio de ministros. Como nos cinemas, surgem ao fundo duas figuras, bem vincadas de elegancia.

—Adeus, comandante! Novidades politicas?

—Aquilo do Velhinho Correia... Que tristeza! Só neste país seria possivel.

—E você, Felix de Carvalho? Esplendido não?

—Quere alguma coisa para Madrid? Parto hoje.

—Nada. Saudades ás espanholas.

—Oh! Oh!!—fez o sr. Leote do Rego.

O continuo:

—O sr. ministro espera o *Diario de Lisboa*.

Subimos a formosa avenida das palmeiras. Pelos terrenos proximos morrem de roxo e rosa velho as ultimas folhas. Adivinham-se rosas...

* * *

Gabinete rico de arte, tocado por «novos». Antonio Soares em oleo, muito bem. Retratos, *dossiers*, um tinteiro, que tem todo o ar de ter sido brinde.

—A reforma do ministerio dos estrangeiros...

—Tenho publicado varias coisas sobre ela. E' conhecido. Deve sair hoje no *Diario*.

—Quando principia a ter execução?

—A'manhã mesmo.

—Aumenta despesa?

—Mas, não senhor. A directriz da reforma, inspirada na necessidade de imprimir uma orientação moderna e progressiva, mais ajustada ás conveniencias do país, foi traçada exactamente num sentido de realizar economias, apesar de serem creados novos e instantes serviços.

—Diz-se.

—A nova tabela de emolumentos traz uma receita nova, em ouro, que faz frente a qualquer pessimismo. Em escudos essa receita sobe a 9.000 contos.

—São extintos serviços?

—Alguns, sendo colocado o seu pessoal numa situação de adidos. Não posso, de resto, numa conversa, entrar em detalhes. Serviços deslocados, outros colocados em ministerios onde não têm podido oferecer vantagem, passam para os Estrangeiros.

—Nomeia V. E.ª novos funcionarios?

—Sim, senhor, sem que d'aí venha aumento de despeza. Os serviços que são eliminados compensam, até certo ponto, e a seu tempo, alguns encagos com pessoal que possam vir tambem mais tarde. O ministerio dos Estrangeiros tinha já antes da minha reforma algumas repartições quasi sem funcionarios. E' preciso, para que o ministerio desempenhe a função que tem a desempenhar, para beneficio do país, preencher logares e pôr os novos serviços a funcionar.

—Os novos adidos nomeados...

—Não vencem importancia alguma.

—Mas...

—Só entrarão em exercicio depois de concurso, e quando fôr necessario.

—Vem gente doutros ministerios para o seu?

—De maneira nenhuma! Tenho de respeitar os direitos adquiridos pelo funcionalismo dos Estrangeiros, e a situação distinta em que os colocou as provas feitas em concursos da especialidade.

—Em resumo, a sua reforma não traz novos encargos.

—Traz novos serviços, que era absolutamente necessário criar. Não resulta da minha reforma senão vantagens e equilíbrio económico.

Um novo personagem atravessa a scena. É um formoso e desdenhoso galgo russo, que se escoa por uma sala, onde há Arraiolos pelas paredes e colchas portuguesas de trapo, de mistura com cerâmicas antigas e algumas muito parecidas...

—Bonito animal.

—Tenho quatorze. Gosto desta gente.

—Vai haver transferências nas legações?

—Não, senhor. Elimino a legação de Petrogrado e crio a de Praga.

O ministro justifica.

—Podemos ter grandes interêsses na Tcheco-Slováquia.

—Embaixadores...

—Só a de Londres. Encontrei trabalhos feitos nesse sentido.

—Madrid?

—Não vi nada. Não pensei ainda nisso.

—Tratado de comércio com a França? Tratado, não?

—Sim, tratado. Seguiu já o trabalho feito para França. As bases anteriormente estabelecidas, com a publicação de nova pauta dupla, ficaram prejudicadas. Houve de fazer tudo novo.

—A França apresentará contra-proposta?

—Que sei eu. E' possivel.

—Pela sua proposta mantem-se a garantia para os vinhos portugueses?

—Mas claro.

—A protecção aos produtos franceses?

—Bem vê... Isso é questão de detalhe... A alma do negocio é...

—A reserva...

Pausa. Artur Portela, nosso camarada de jornal, que assiste á nossa entrevista por amabilidade do dr. Veiga Simões, e que enfiado num *maple*, que quasi o devora, espreita a ocasião para meter uma pregunta, faz-nos na sua maneira, vestida de gravidade infantil, um sinal que julgamos perceber, e que queria dizer: «tu esqueces o principal...»

—Quais são os representantes actualmente de Portugal em Paris, junto das comissões?

Passa outro cão familiar e meigo, que nos toca numa perna e sai meneando as ancas.

—Só o sr. Jaime de Sousa.

—Agora por Jaime de Sousa. Pode v. ex.ª dizer alguma coisa sobre o caso Velhinho Correia?

—Nada. A Comissão Executiva da Conferencia da Paz, a quem expuz o que se passou...

—A publicação de um relatorio oficial...

—Sim. A Comissão relegou o assunto para Conselho de Ministros. Depois—o que diz a nota oficiosa.

—O relatorio era confidencial?

—Devia sê-lo. Eu só o recebi depois de ter sido publicado.

Silencio.

—V. ex.ª pode dizer os inconvenientes que resultaram.

—Não digo nada.

—Teria muito a dizer, não?

—Não digo nada.

—O sr. capitão Velhinho Correia tinha sido exonerado, não?

—Por economia, sim. Era adjunto do sr. Jaime de Sousa na Comissão de Reparações. Tive que eliminar um. Qual? Manifestamente o adjunto.

—Não era lá preciso?

—Não senhor. Confesso que não sei se o sr. Velhinho Correia trabalhou mais ou menos do que o sr. Jaime de Sousa. Tive de cortar. Era indispensavel. Cortei.

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

Os Teatros

Atrás do reposteiro

Consta-nos que a musica da revista de Lino Ferreira e Antonio Carneiro, a entrar brevemente em ensaios no Salão Foz, será dos maestros Luiz Filgueiras, Hugo Vidal e Luz Junior.

—Entre as peças que a «tournée» Augusto Gomes leva ao Brasil figura a revista «Lisbia Amada», ha anos representada no teatro S. Luiz e que é original de Lino Ferreira, Artur Rocha e Henrique Roldão.

—Os tres principais papeis masculinos da peça «O centenario», que vai entrar em ensaios no teatro Nacional, serão desempenhados por José Ricardo, Joaquim Costa e Rafael Marques.

—Partiu para o Porto o actor cinematografico Artur Duarte.

—No teatro Apolo funcionará durante o verão uma companhia de revista, de que serão empresarios os srs. Luiz Ruas e Augusto Gomes.

—Para a revista que sucederá, no Salão Foz, á «Bi chinha gata...» escreveu o poeta Antonio Carneiro um interessante triloquio, que será interpretado por Otelo de Carvalho, Julia de Assunção e Maria Izabel.

—Tem a seguinte distribuição a peça «Emigrantes», original de Tito Arantes, que brevemente se exibe em 4.ª recita de assinatura no Politeama:

«Manuel Barros de Almeida», Erico Braga; «Rodrigo Magalhães», Lino Ribeiro; «Bartolomeu Refoios», João Lopes; «Pedro Barros de Almeida», João Calazans; «Groom», Carlos Alves; «Berta», Lucilia Simões; «Helena», Georgina Cordeiro; «Luiza», Amelia Pereira; «Maria», Rosa Cerca; «Viuva», Laura Lino; «Caseira», Elvira Costa.

—A revista «Tic-Tac», que vai ser «reprisada», no Eden, será posta em scena com scenarios novos, de grande efeito e com uma «mise-en-scène» em que participam 42 coristas.

—A opereta «Mazurka Azul», que será representada pela companhia Satanela-Amarante, será traduzida pelo sr. Armando Ferreira, critico teatral.

O acôrdo comercial com a Alemanha

Saudações ao sr. ministro dos negocios estrangeiros

O sr. dr. Veiga Simões tem recebido, nestes ultimos dias, numerosas felicitações, pelo acôrdo comercial luso-germanico. Dentre elas, destacamos as seguintes:

Associação Central de Agricultura, Associação Comercial do Porto, Comissão de Vinicultura da Região Duriense, Associação dos Comerciantes do Porto, funcionarios administrativos do concelho de Regoa, Sindicato Agricola da Regoa, Liga dos Lavradores do Douro, Camara Municipal de Mesão Frio, Camara Municipal da Regoa, comerciantes da Marinha Grande, Camara Municipal de Alijó, juntas de freguesia da Regoa, Associação Commercial da Regoa e do antigo senador sr. Porfirio Rebelo.

A scena da rua do Ouro

O sr. Eça Leal apresenta queixa contra a sua ex-esposa

O sr. Tomás de Eça Leal apresentou hoje queixa á policia, contra sua ex-esposa, que a acusa de o ter tentado assassinar ontem de tarde na rua do Ouro, conforme os nossos colegas da manhã já noticiaram.

Aquela senhora não foi presa, em consequencia de ainda não ter sido encontrada pela policia.

O sr. Tomás de Eça Leal apresentou como testemunhas a sr.ª D. Maria Cordeiro Feio, o sr. conde de Mendia, o proprietario da loja de «Utilidades» da rua do Ouro, e o «chauffeur» do carro em que seguia sua esposa.

Conspirações...

Escreve-nos o tenente-coronel de infantaria sr. Taveira, a proposito de uma entrevista que ontem publicamos, dizendo que ninguem o convidou para comandar cousa alguma. A responsabilidade da informação não pertence ao *Diario de Lisboa* que ignora se o sr. Taveira foi ou não convidado para chefiar um novo ministerio *outubrista*, mas sim ao seu entrevistado que tem motivos muito especiais para não aparecer em publico, razão porque o redactor que redigiu a entrevista, assume toda e qualquer responsabilidade.

No entanto, consideramos natural a rectificação.

Neves & Cruz

Importadores e Exportadores directos

SÉDE

RUA IVENS, 53

Conservas e vinhos

Sede provisoria da Filial em ANVERS

51 Rempart Ste. Catherine

Agentes no:

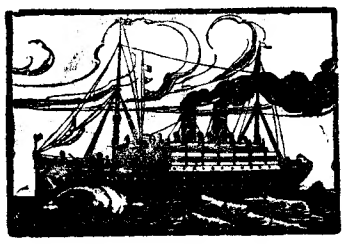
Congo Belga,
Loanda
e Benguela

(PRODUTOS AFRICANISTAS)

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa



Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.° 1227 C. LISBOA

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

ELECTRICIDADE--MAQUINAS

Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 2.° Lisboa.

Palace Hotel do Bussaco

INSTALAÇÃO DE LUXO COM TODO O CONFORTO MODERNO

O melhor hotel de Portugal e um dos melhores da Europa. Para informações e reserva de aposentos, em Lisboa: Hotel Metropole, Francfort Hotel e Hotel de l'Europe. No Porto: Grandes Armazens Nascimento.

LE COMMERCE INTERNATIONAL D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L.DA

17, Largo da Biblioteca

LISBOA

Conservas et Vinhos

REPRESENTANTES EM

BORDEAUX
PRAGA
BEYROUTH
ALEXANDRIA
PYREU
SALONICA
ANVERS
GENOVA
SMYRNA

MEIAS A 2490!!

EM

Sedaline todas as côres

CASA DAS MEIAS DA RUA DO OURO, 117

DR. ARMANDO NARCISO

CLINICA MEDICA

Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)

DFS

Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 Telegrafo DIFONSO DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª

Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

Não comprem

Candieiros e plaffonniers, ferros de engomar electricos, estatuetas e outros artigos de electricidade, sem confrontarem os preços porque vende o Bico Nacional Aureo—Rua 1.° de Dezembro, 33 a 37—Tetef. 1047 C.

A PRESTAÇÕES

Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.°

HOTEL de l'EUROPE ▫▫ ▫▫ LISBOA

INSTALAÇÕES MODELARES

Apartements com Sala de Banho, W. C. e Salão—Primoroso serviço de cozinha

A direcção participa aos seus Ex.mos clientes que já funciona o elevador deste hotel

---

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

FRANCFORT HOTEL

Rocio, 30---LISBOA

140 quartos, modernisados e confortaveis. Especialmente recomendado para familias.

HOTEL METROPOLE

Rocio, 20 ▫▫ LISBOA

Conforto moderno. Um dos melhores hoteis de Lisboa. Recomendado pela Sociedade ed Propaganda de Portugal.

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

---

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NOVAS DA BERLIM

A revisão do Tratado de Paz e as dividas de guerra da Alemanha

O que se passou no congresso trabalhista promovido pelas 'Trade unions'

BERLIM, 10

No congresso trabalhista promovido pelas «Trade unions» e o partido trabalhista na Inglaterra fez-se resaltar no discurso de abertura que a falta de empregos era uma consequencia do tratado de Versailles. Por este motivo impõe-se como medida urgente a revisão do tratado e da divida de guerra alemã. Nos meios politicos da Inglaterra afirma-se que as proximas eleições decidir-se-hão sobre estes dois pontos.—(U. P.).

O orçamento alemão acusa um "deficit" de 161:500 milhões de marcos

BERLIM, 10

O ministro das finanças submeteu ao «Reichstag» uma nota sobre o final do orçamento para 1921, o qual mostra um «deficit» de 161:500 milhões de marcos. Deste «deficit» fazem parte 95:500 milhões por aumento de salarios, 26:000 milhões devido a compras de materias primas, material circulante, etc., e 25:500 milhões por indemnizações pagas relativas a confiscações a que se refere o Tratado de Versailles. Os Caminhos de Ferro participam neste «deficit» com a quantia de 11:000 milhões, e os Correios e Telegrafos com 3:500 milhões.—(R.)

O separatista Smeets é posto em liberdade

BERLIM, 10

O separatista Smeets, detido por não comparecer ante o tribunal alemão, porque era acusado de usura, foi posto em liberdade por exigencia do comissario francês da Renania. Por este motivo o respectivo tribunal declarou-se em greve.—(R.)

As relações comerciais russo-alemãs

BERLIM, 10

O secretario geral da delegação comercial dos «soviets» nesta cidade informa ter fechado um acordo com um Banco Alemão, o qual de futuro se denominará «Banco Economico Alemão da Europa Oriental», e terá por fim financiar as encomendas da Russia.—(R.)

Mais uma greve

BERLIM, 10

Os empregados dos caminhos de ferro subterraneos de Berlim declararam-se em greve, exigindo aumento de salario.—(R.)

As taxas postais

BERLIM, 10

As taxas postais e telegraficas serão aumentadas na Alemanha em 150 °/₀ a partir de Janeiro proximo.—(R.)

Julio Rei, Lt.ª
Ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Joalharia, Ourivesaria e Relojoaria
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

PELO IMPERIO BRITANICO

Os problemas ingleses

que actualmente assoberbam o governo

Terminado o conflito irlandês falta resolver as crises do trabalho e da industria e as questões do Egito e da India

Os problemas britanicos sucedem-se ininterruptamente. Terminado o secular conflito irlandês pela vitoria do Estado Livre da Irlanda, logo outros problemas se manifestam com uma agudeza extraordinaria: as reivindicações do Egito e da India, sem falarmos da crise de trabalho e da industria.

As lutas irlandesas não ensinaram grande coisa á Inglaterra. A' reclamação categorica de liberdade e independencia, o governo e a imprensa britanica, em logar de a encararem de frente e de responderem lial e claramente, passam meses buscando argumentos, sofismas, em habilidades diplomaticas, apresentando sucessivos projectos de submissão, sucessivamente rejeitados com a mesma palavra: independencia. Se em logar disso, a Inglaterra entrasse de frente no problema e oferecesse imediatamente o maximo verdadeiro, e não o maximo susceptivel de aumentos, os problemas resolver-se-iam num instante, a Inglaterra ficaria numa situação clara e desafogada e ganharia perante o mundo a aureola da generosidade.

Que fazer, quando outro caminho não resta senão ceder, esgotados todos os meios de oposição?

Não é necessario historiar as negociações que vão seguindo com o Egito e a India. Seguem o mesmo caminho das da Irlanda.

Quanto á crise de trabalho e da industria ela aparece como é, com as propostas que Reynes acaba de sugerir para as melhorar. Já temos acentuado bastante quanto prejudica a Inglaterra a exportação alemã que aumenta á medida que a moeda se vai depreciando. A exportação e a industria inglesa que sofreram o primeiro golpe formidavel com a gréve negra, cujas consequencias jámais poderão aniquilar-se, são agora prolongadas e agravadas com a concorrencia alemã. Seria uma luta de morte entre a França e a Inglaterra, esta em que cada uma defende os seus interesses.

A França quere obrigar a Alemanha a pagar. E' necessario que ela pague o que destruiu na medida do possivel. Os habitantes das regiões devastadas sofrem ainda, toda a França sofre, e compreende-se a dificuldade —quando outras não existissem— de fazer compreender á multidão, nas quais se apoia o governo, que é melhor que a Alemanha não pague, quando sofrem cruelmente do mal que dela lhes veiu.

Mas a Inglaterra para viver precisa de que a Alemanha melhore a situação financeira, seja á custa do que fôr. Os governantes ingleses compreendem, e bem, que se a Inglaterra acaba de perder os mercados que possue, se a industria não entra a breve prazo numa produção regular, o poder inglês, a braços com tão grandes dificuldades, que vem recebendo desde a guerra golpes tão profundos que se pode considerar o vencido, apesar dos esforços desenvolvidos em todas as circunstancias para obter grandes vantagens de todas as situações, prefere abandonar certos lucros momentaneos da guerra que se transformam imediatamente numa derrota na concorrencia industrial.

O perigo de continuar, sendo vencida, nesta concorrencia, sente-se já tão grande que Reynes, com o apoio de meios politicos influentes em Londres, acaba de propôr concessões á França para que esta consinta na diminuição da divida alemã.

Mas o consentimento da França deve ser obtido á custa das seguintes concessões:

1) Abandono de todas as emendas propostas ao acôrdo de Wisbaden.

2) Pelo abandono de metade da nossa parte do primeiro bilião de marcos ouro, já pago pela Alemanha.

Mas o acordo de Wiesbaden na sua fórma actual é prejudicial a outras nações, e o governo britanico julga-se obrigado a sustentar a causa destes.

A sua inclinação natural tende entretanto para uma certa liberalidade da França, quando se não trata senão de reclamações britanicas».

São estas, em sumula, as sugestões de Keynes.

A concorrencia da industria alemã será a morte da grande industria inglesa? Os receios ingleses e a analise do que se vai passando deixa-o prever. No entanto a Inglaterra não busca os meios mais eficazes de conquistar a França aos seus desejos.

Com efeito as sugestões de Keynes não passam de oferecer á França o que ela já possue. A Inglaterra ofereceria á França de deixar de pé o acordo de Wiesbaden, *defendendo porém as nações prejudicadas*, retirando as objecções *que ainda nem formulou oficialmente*, o que nem ao menos fez com o Tratado de Angora.

A Inglaterra tem perdido em muitos problemas, desde a guerra, pela falta de franqueza com que os trata.

Serviu-se de meios indirectos e morosos com a Irlanda, está fazendo o mesmo com a India e Egito; seguiu esse processo em Versailles, levantou-o em Washington apesar da rectidão do seu representante e dos processos americanos; começa fazendo o mesmo nos meios extremos de que lança mão para melhorar a situação da sua industria.

PANCADA, MORAES & C.ª
Prata, ouro, moedas e notas de todos os paises, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer
: : : : compra aos melhores preços : : : :
RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. S. Julião)

BOLACHAS INGLESAS
W. R. JACOBS & C.ª
Remessa chegada pelo vapor *Aguilla*, á venda na
MERCEARIA BRASILEIRA
Francisco Pinto
267 --- Rua Augusta --- 269
Nova remessa a chegar
Agente para Portugal e Colonias: **ANTONIO M. VIANA**, *Rua da Madalena, 66, 2.º*

A LUTA EM MARROCOS

Uma visita ao alto comissario Berenguer de jornalistas madrilenos

O avanço das tropas, o desalento das Harkas e o resgate dos prisioneiros

MELILLA, 10

Varios jornalistas visitaram o alto comissario felicitando-o pelo seu feliz regresso e pelo acolhimento que teve em Madrid o exito da campanha. O general Berenguer mostrou-se satisfeito com a marcha das operações, declarando que o exercito responde satisfatoriamente aos sacrificios necessarios. Afirmou que era já bem manifesto o desalento das «Harkas» ante o avanço espanhol. Referindo-se ao resgate dos prisioneiros, disse que empregava todos os meios para o conseguir e esperava que se chegará brevemento a um resultado pratico.—(R.)

O principe das Asturias assiste aos funerais dos soldados mortos em campanha

MADRID, 10

O regimento do rei celebrou os funerais dos mortos da campanha de Marrocos, assistindo o principe das Asturias, os generais Orozco, Bulguete e Peralta.

Na igreja de «Los Gronimos» celebrou-se uma missa sufragando as almas dos membros do estado maior do general Silvestre, assistindo o rei, o ministro da guerra, o general Weyler e os filhos do coronel Mouralez, bem como centenas de pessoas da mais alta aristrocacia.—(R.)

Um telegrama de Afonso XIII

MADRID, 10

O rei Afonso XIII enviou ao general Berenguer um telegrama de felicitações para as tropas de Africa por motivo da festa da Padroeira.—(U. P.)

Em Armazem
Moinhos para ceriais com mós francesas
Mós francesas LA FERTE
Aparelhos para limpesa de ceriais
Bandejas para trigo
Escovadores para trigo
Crivos Marot legitimos
Ventoinhas para arrefecimento das mós
Remolhadores automaticos
Etc., etc., etc.
John M. Sumner & C.º
Sucessor
JOSÉ J. TEIXEIRA
Avenida da Liberdade, 29, 37
LISBOA

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

NA QUINTA DAS PALMEIRAS

O ministerio dos Estrangeiros e o caso Velhinho Correia

Continuação da entrevista com o dr. Veiga Simões

—Que funções oficiais tem hoje em Paris dr. Afonso Costa?

—Nenhumas.

—Mesmo nenhumas?

—Nada.

—Eliminou mais logares?

—Já se escreveu a êste respeito. Os adidos militares, por exemplo. Em Paris, o sr. Vitorino Godinho, cuja obra altamente aprecio e a quem folgo de testemunhar publicamente a minha admiração, como sempre a todos que o merecem. Adidos por circunstâncias de natureza diplomática só conservei os de Londres e de Madrid.

E numa reflexão:

—Era uma lista de ouro, que não podia subsistir.

O dr. Veiga Simões volta a referir-se á reforma do ministério, e durante dez minutos ouvimo-lo falar, sabedoramente de um Portugal novo, que tem de se fazer, custe o que custar, orientando todos os serviços externos e internos do Ministério dos Estrangeiros num sentido de aproveitar todos os nossos recursos e de valorizar todas as nossas riquezas. Palavras sóbrias, as exclusivamente necessárias.

Mas o dr. Veiga Simões ainda não tinha almoçado, e os jornalistas tambem não. Saimos da casa do ministro, abrangendo do alto do seu átrio de desenho clássico a paizagem explendoroza que se alonga em distâncias frescas de hortos e de pomares, por ali fora até á cidade. E entre as colunas gregas:

—Isto é a casa de um artista. Os artistas não deviam ser ministros.

—Tem razão. Oxalá que breve, hoje mesmo, eu pudesse deixar de o ser. . .

EDEN-TEATRO

Empreza: Henrique Barreiros, L.da

Companhia de Revistas de Antonio Macedo —

na

SÓ Quarta-feira —14—

se realizam os primeiros espectaculos — com a revista —

TIC-TAC

No Condes

A ultima criação de Susana Grandais — O final do "Amor de perdição"

A grande actris francesa Susana Grandais foi tambem, como se sabe, uma grande artista no cinema.

Vitima de um desastre de automovel, morreu em pleno auge da sua carreira artistica. Ontem no Condes estreou-se uma deliciosa comedia *Susana entre os bandidos*, por ela interpretada, que é um verdadeiro encanto. Trata-se da aventura de um apaixonado que consegue impôr-se ao amor de uma romantica pela comedia que lhe representa de um assalto de bandidos, á maneira da velha Calabria, exigindo-lhe um resgate pela sua liberdade sob condições que fatalmente o conduziriam ao almejado fim.

Do programa de hoje tambem faz parte o famoso e belissimo «film» *Amor de perdição*, cujo 2.º e ultimo episodio é uma autentica maravilha de arte. O *Amor de perdição* vai entrar na ultima semana das suas exibições.

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Os professores pedem a melhoria de situação

A direcção da Associação dos Professores das Escolas Industriais e Comerciais, procurou, hoje, o sr. ministro do comercio, para tratar das reclamações da classe.

A NOTICIA DO DIA

OS FUNCIONARIOS PUBLICOS QUEREM MAIS DINHEIRO

Em como o jornalista com a sua proverbial indiscreção, logra assisir a uma conferencia entre o sr. Peres Trancoso e os delegados do funcionalismo

Dizem-se coisas rijas, mesmo para um ministro

O Terreiro do Paço está cheio de gente mas vazio de politicos, que é uma especie um tanto diferente... Poucas noticias e menos comentarios, e como o *reporter* tem necessidade de encher as duas colunas do estilo, o portão do ministerio das finanças tenta-o. Quem sabe? Talvez encontre uma noticia de sensação perdida na volta de um corredor... Subimos. Os secretarios do sr. Peres Trancoso, tão democratas como o ministro, têm sempre a porta aberta para os amigos, mesmo quando são jornalistas, razão por que conseguimos entrar no seu gabinete e travar dialogo com uma comissão, talvez excessivamente numerosa, de delegados do funcionalismo publico e assalariados do Estado, que vão pedir melhoria de situação.

—Grande comissão...

—E' verdade. Representamos onze classes de servidores do Estado. Vimos reclamar mais dinheiro, porque a vida está impossivel.

—Lá isso...

—Todos o reconhecem. O ministro tem recebido dezenas e dezenas de telegramas dos funcionarios da provincia, a pedir a satisfação das nossas reivindicações. E' para que veja que não é só o funcionalismo de Lisboa. Tambem não admira esta união. A vida está um horror. Morre-se de fome...—E que fazem?

—Não sabemos ainda. Quasi todos os nossos camaradas da provincia encontram-se em sessão permanente. Nós vimos agora buscar a resposta á lista do reclamações que entregámos em 22 do mês passado. Vamos a vêr. O que lhe garantimos é que existe actualmente um maior entusiasmo, um maior desejo de vencer, que quando da nossa gréve. Até onde iremos? Isso é ainda uma incognita. No emtanto...

* * *

—O sr. ministro espera-os...

Os comissionados entram e o jornalista, proverbialmente inconfidente, vai-lhes na cauda. O ministro, que o conhece, não o lobriga entre aquele montão de reclamantes, dando-lhe tempo a escudar-se com um telefone e a utilizar o respectivo suporte para tirar apontamentos...

A conferencia vai começar. Que não nos escape um detalhe... Os comissionados formam em semi-circulo e o sr. Peres Trancoso, muito metido no seu invariavel sobretudo côr de café com pouco leite, esfrega as mãos e diz, palavra a mais, palavra a menos:

—Dentro de poucos dias, entrarão em vigor as medidas do governo sobre subsistencias. Se a vida até Janeiro não baixar, como esperamos, 30 0|0, o Estado aumentará as subvenções de 10 a 15 0|0. Esta é que é a solução. Todo e qualquer aumento de salario, seguido, como tem sido praxe, de um novo agravamento da vida, resulta inutil. Assim é melhor. O Estado dará o que puder, o que a gravidade da situação permitir. E' necessario não esquecer que temos um *deficit* de 350.000 contos, de *trezentos e cincoenta mil contos*— acentua o ministro, atenta a impassibilidade dos comissionados—e eu quero ver se o reduzo a 100.000 contos, indo buscar a diferença a quem a puder pagar. Os senhores teem, na verdade, razão. Mas o Estado, este mês, não está em condições de melhorar a situação. Esperem um pouco mais. A vida ha de embaratecer e, caso contrario, dar-lhe-ha o que fôr possivel.

O sr. Sebastião Eugenio, antigo operario corticeiro, agora convertido ao funcionalismo publico, que é uma especie de partido sem objectivo definido, riposta *in continente*:

—Diz o sr. ministro que, a não baratear a vida 30 0|0 até Janeiro, nos aumenta de 10 a 15 0|0. Mas, segundo essa hipotese, a desproporção actualmente existente entre o custo da vida e os nossos vencimentos, agrava-se muito mais! Ora o que nós desejamos é extinguir o nosso *deficit*, da mesma forma que o Estado deseja extinguir o seu...

O sr. Peres Trancoso:—Sem duvida. O que é preciso é baixar os generos de primeira necessidade, de forma a que os ordenados actuais deixem de ser insuficientes. Mas, se essa baixa não se conseguir, o Estado, que já fez balanço aos seus numeros, só poderá aumentar de 10 a 15 por cento, como já disse.

E acentuou, de seguida, que um aumento maior talvez não passasse de uma ficção, pois poderá chegar um momento em que o Estado nada possa pagar.

A conversa entre o ministro e os funcionarios generaliza-se—como se costuma dizer no Parlamento. Ha quem afirme que a formula apresentada pelo sr. Peres Trancoso faliu antecipadamente, porque os governos têm visto falhar sempre as suas tentativas no sentido de baratear a vida. O ex-comissario dos abastecimentos aproveitou o ensejo para recordar a sua acção e acentua:

—Tenho duas pastas a meu cargo: a das Finanças e a do Trabalho. No emtanto, estou tambem disposto e tomar de novo conta dos abastecimentos *e a vida ha de baixar 30 por cento até ao fim do ano, ou eu deixo de ser quem sou.* Conheço perfeitamente as teclas em que hei de bater.

O ministro continúa a fornecer detalhes da acção que o governo vai desenvolver. Terça ou quarta feira publicar-se-hão os decretos em que se procura atenuar a questão economica. Vão-se organizar armazens para venda de calçado, fatos e chapéus, e uns cincoenta ou sessenta estabelecimentos de viveres a baixo preço. Tudo ao mesmo tempo é que não pode ser—afirma com calor. Conclue:

—Reparem bem: o *deficit* é de 350:00 contos! Uma coisa fantastica, louca! A nossa divida vai muito além de *um milhão de contos*.

Um comissionado:—Posso-lhe garantir, sr. ministro, que, proporcionalmente, o meu *deficit* e as minhas dividas são bem superiores . . .

A discussão prossegue, trocando-se argumentos de calibre razoavel. O sr. Danton de Carvalho diz, por exemplo:

—E não é só o funcionalismo de Lisboa que reclama. O da provincia, como deve saber, procede da mesma forma. De resto, todos nós sabemos que quando os governantes anunciam o barateamento da vida, ela sobe mais um bocadinho. V. Ex.ª já foi comissario dos abastecimentos. Já esteve em condições de tornar esse barateamento um facto. Pois era tanta a lama que o cercava, que se viu obrigado a abandonar aqueilo. Estava perante o roubo legalizado, mas nunca teve a franqueza de declarar as razões que o levaram a abandonar o comissariado. Falemos claro: o Estado não tem direito a exigir trabalho a um funcionalismo que não é pago de forma a poder viver.

A boa disposição do sr. Trancoso vai dissimulando gradualmente. O seu opositor, implacavel, prossegue:

—V. Ex.ª parece não ter a noção do que representam 10 ou 15 por cento de aumento. Isso não é nada. Nada representa.

Alguem acrescenta:—Então não consegue baratear a vida 30 °|₀ e aumentam-nos 15 °|₀ o maximo? Só metade . . .

O sr. Danton de Carvalho, que continúa:—Diz o sr. ministro que é necessário manter a ordem, que sem tranquilidade nada se faz e que isto pode ir para o fundo. Mas nós nada temos a perder, ao contrario dos individuos que recentemente reuniram no Porto num congresso economico, talvez por serem os principais autores da carestia da vida. Eles chamaram-nos um cancro que é preciso expurgar, quando a frase lhes deve ser aplicada. V. ex.ª deu a sua palavra de honra como ia procurar melhorar a situação. A verdade é que essas promessas costumam ser feitas em vesperas de eleições . . . Pouco me preocupa que a carestia se torne ainda maior, que o bacalhau venha a custar 20 escudos o quilo e eu só possua 2, talvez seja a forma de o adquirir de graça . . .

O sr. Peres Trancoso:—Vamos a vêr se chegamos a uma conclusão. Os senhores nomeiam uma comissão de três ou quatro e vamos trabalhar juntos. Uma plataforma... Darei o que puder. O que não quero é abrir a bancarrota do Estado.

A discussão, abrandada agora, quasi tornada conversa, prossegue. Alguns dos comissionados acusam o gabinete de estar a admitir mais funcionários. O ministro escuda-se na lei, para se defender e aos seus colegas. Mas observam:

—A lei é o que eu sei e o que o sr. ministro sabe . . .

A conferencia está a terminar. O sr. Peres Trancoso insiste pela nomeação de uma comissão. Os delegados acedem mas, ao pedido do titular da pasta das Finanças, para que reconheçam a necessidade de muita ordem, um deles observa, rudemente:

—A desordem é provocada por aqueles que deviam manter a ordem. O sr. ministro diz que não há dinheiro mas a realidade é que mantemos uma organização militar que é um autentico exercito. Até parece que ainda estamos em guerra . . .

—Isso tambem vai acabar . . .—diz o sr. Trancoso.

Mais algumas palavras. Os comissionados saem e o *reporter* segue-os, considerando bem empregada aquela meia hora. Cá fóra, nos corredores, os funcionarios, á formiga, inquirem do resultado da *démarche*. E é bem visivel o seu scepticismo quanto aos resultados da acção governativa.—*S. P.*

Coliseu dos Recreios Telef. C. 4196

Hoje-ás 20,45 (8 3|4) -Hoje

Magnificos e sensacionais trabalhos da

Grande COMPANHIA de Circo

Extraordinario sucesso dos notaveis artistas **LOS MANDOS** no seu sensacional numero

O Duplo turbilhão humano

AMANHÃ Grandiosa Matinée

em que têm entrada gratuita todas as crianças até 10 anos que se apresentem acompanhadas

Bilhetes á venda

CAMINHOS DE FERRO DO S. E S.

A proposito do comunicado oficioso da classe ferroviaria

Uma carta do engenheiro civil sr. Diogo Cabral

Do engenheiro sr. Diogo Sobral recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Adverso á publicidade de questões, que melhor seria fôssem tratadas por outras formas e processos, sou forçado, na defesa legitima do meu nome profissional, que muito prezo, e do meu trabalho, a dirigir esta carta a v.

Com o titulo no «Sul e Sueste» publicou v., no numero ds ontem do seu jornal, uma comunicação oficiosa, na qual se fazem afirmações que, pelo caracter de generalidade, supõnho poderem atingir-me.

Suspenso ilegalmente, ha mês e meio, do exercicio das minhas funções, de engenheiro chefe do serviço de Via e Obras dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sou dos que á frente do seu cargo nunca se poupou a esforços para melhorar um serviço publico, que tanto carece da boa vontade de todos os seus funcionarios.

Não, raras vezes, visitei a linha, que conheço quilometro por quilometro e, sem receio que alguem me desminta, posso afirmar que cumpri sempre integralmente o meu dever, tendo tentado melhorar o serviço com os reduzidos elementos de que dispunha, introduzindo-lhe melhoramentos, que estão patentes, a quem os queira observar.

Com referencia á renovação da via, devo dizer que esse trabalho sempre por mim foi dirigido superiormente, nem eu o consentiria por outra forma, enquanto no meu logar me mantivesse. E não pouco da minha energia com ele dispendi.

Sobre receios de circulação, não pode haver a menor duvida, que é justamente, nesses poucos quilometros, que ela se encontra melhor assegurada, e sem receio ai veria passar uma boa composição a 90 quilometros á hora.

E' certo que existe um ponto fraco, aquele em que o material de 18|40 está ecclissado com o de 8|30, mas todo o perigo estará desviado desde que se mantenham os sinais de paragem absoluta, que construi e ai pessoalmente fui colocar.

Um ponto fraco a juntar a tantos que existem na linha do Sul e Sueste, se não beneficia, tambem não prejudica a exploração.

Agradecendo a publicação desta carta no seu apreciado jornal, sou, com a mais subida consideração

De v. etc.—(a) *Diogo Sobral*. engenheiro civil.

Lisboa, 10 de dezembro de 1921.

Mantero & Mendonça, Lt.ª

OFICINAS DE MECANICA, de carros series e pintura para

AUTOMOVEIS E CAMIONS

Rua Marquês Sá da Bandeira, n.º 61

(Ao Campo Pequeno)

TELEFONE 2:545 — N